

Segundo a EDA

Demolição da Central das Ondas do Pico avança na Primavera de 2020

A demolição da Central das Ondas do Pico, localizada no lugar do Cachorro, freguesia das Bandeiras, foi adjudicada à Tecnovia-Açores e deve avançar no início da Primavera do próximo ano.

Essa garantia foi assumida a Ilha Maior pelo Administrador Executivo da EDA. José Luís Amaral explica que depois de concluído o processo de licenciamento estão criadas todas as condições para se avançar com o desmantelamento da estrutura: “O processo concursal para a demolição foi moroso mas a Tecnovia-Açores está preparada para concretizar a demolição da estrutura. Apesar de o desmantelamento ter sido adjudicado no Verão é provável que os trabalhos só avancem na Primavera devido às condições do mar que naquele local é muito agressivo. O maior problema não é a demolição da estrutura de betão que está imersa mas de toda a que se encontra submersa”. Ou seja, apesar de ter um prazo de quatro meses para concretizar a retirada da central a ondulação forte na zona do Cachorro impede a realização dos trabalhos nesta altura do ano obrigando ao seu adiamento para permitir que toda a operação decorra com o máximo de segurança.

A retirada de toda a estrutura é um processo que se arrasta há mais de seis meses. O primeiro concurso para a remoção foi anulado por falta de empresas candidatas o que atrasou todo o processo e impediu a sua concretização durante os meses de Verão tal como estava inicialmente programado. A demolição acabou por ser adjudicada apenas a 23 de Agosto

passado pelo valor de 649 mil 500 euros.

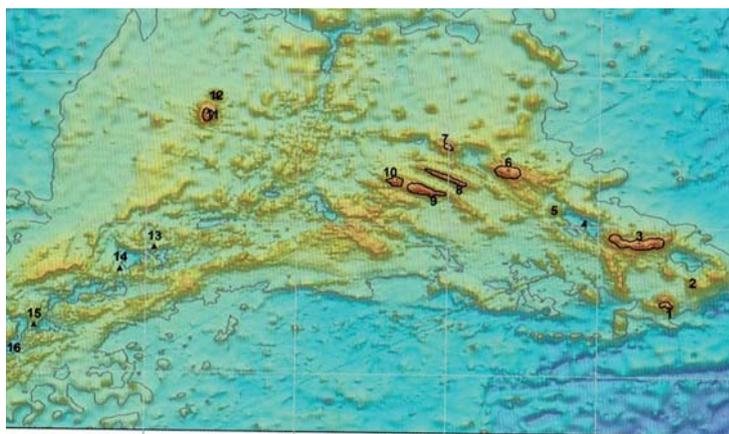
Nesta altura já foram realizados os levantamentos submarinos e está concluído todo o processo de licenciamento que obrigou a pareceres da Capitania do Porto da Horta, Câmara da Madalena e das direções regionais do Ambiente e dos Assuntos do Mar. O equipamento, que estava sem funcionar desde 2016 colapsou a 17 de Janeiro de 2018 devido ao estado alteroso do mar tendo na altura sido tomadas todas as medidas necessárias para conter riscos, com a central a ser desconectada da rede e estabelecido um perímetro de segurança.

Criada em 1999 como uma central-piloto europeia de energia das ondas, a construção foi financiada pela Comissão Europeia, Empresa de Electricidade dos Açores, Energias de Portugal (EDP) e pelo Estado, sob a coordenação científica do Instituto Superior Técnico.

Em 2007, a titularidade da central foi cedida à WavEC, associação privada sem fins lucrativos, que passou a assegurar a sua exploração tendo como missões promover investigação aplicada, consultoria e actividades pró-bono como a disseminação e promoção das oportunidades associadas ao desenvolvimento precoce da energia renovável marinha.

Enquanto funcionou a central atraiu mais de 11 projetos nacionais e europeus num valor superior a 35 milhões de euros que contribuíram directamente com cerca de dois milhões para as despesas de operação e manutenção e para as actividades de investigação.

Ilha Maior



Fotografia submarina dos Açores de diversos autores

“Daqui a anos haverá nos Açores uma nova ilha”, defende o vulcanólogo Victor Hugo Forjaz



Victor Hugo Forjaz procura tranquilizar populações do Faial, Pico e São Jorge

“Se nos Açores há ilhas como Santa Maria, em fase de erosão e de desaparecimento pela maresia e pelas chuvadas, o resto do arquipélago não está “morto”, ou seja, vulcanicamente extinto .

Pelo contrário os Açores tendem a aumentar de superfície como o que tem sucedido desde o seu redescobrimto”, afirma o Catedrático Jubilado da Universidade dos Açores Victor Hugo Forjaz , vulcanólogo .

No seu entender, “a presente crise sismotectónica, de centenas e centenas de sismos, que se desenvolve no arquipélago desde o início de Novembro, é a prova dessa vitalidade”.

De facto , prosseguiu o vulcanólogo, “desde inícios de Novembro que surgiu uma crise sísmica a cerca de 20 quilómetros a oeste do Faial, num sistema de falhas geológicas há muito conhecido pelo respectiva juventude e actividade . Esse sistema situa-se no enfiamento das ilhas

do Faial e de São Jorge, embora os epicentros não estejam rigorosamente localizados”.

Como explica, a razão para tal “encontra-se no facto dos eventos sísmicos se localizarem no exterior do polígono de sísmógrafos do arquipélago . Quando isso sucede, a delimitação dos círculos epicentrais deixa de ser precisa e o mesmo acontece com o cálculo da profundidade, ou seja, o hipocentro”.

Na opinião do vulcanólogo, que tem acompanhado todas as crises desde 1958, “há muito que as entidades científicas oficiais deviam ter instalado sensores submarinos - os OBS (oceanicbottom-seismographs) equipamentos disponíveis em diversos institutos europeus de oceanografia “.

“Além disso, adianta, durante os meses dos últimos Verões, o navio oceanográfico da Marinha Portuguesa, ‘D.Carlos’ “já deveria ter efectuado levantamentos do fundo do mar visando descobrir factores que ajudem a interpretar o fenómeno. Doutra forma andam às cegas e ninguém percebe a razão porque o IPMA – Instituto do Mar e da Atmosfera, com rede sísmica nos Açores, se encontra mudo nas ilhas e publica comunicados em Lisboa”.

Para Victor Hugo Forjaz, “encontra-se em desenvolvimento uma nova ilha dos Açores , com a geometria de um “Horst” , como Pico e São Jorge, mediante a actuação de forças terrestres compressivas. Anos mais tarde eclodirá uma fase vulcânica submarina, tal como na Serreta e Capelinhos.

O vulcanólogo considera que “existe falta de adequada comunicação oficial com as populações das ilhas do triângulo (Faial , Pico e São Jorge).

Estas continuam assustadas “e não curiosas, e estão fartas de comunicados piedosos”, remata o vulcanólogo que remata que com os dados publicados , não existe perigo para os habitantes.



Central das Ondas do Pico demolida na Primavera